

Fortalecendo alianças

Programas de PME internacional constroem laços para futuras cooperações estratégicas

MAJOR JOHN R BERG, FORÇA AÉREA DOS EUA

MAJOR ALLAN BUCH SAMPAIO, FORÇA AÉREA BRASILEIRA

CAPITÃO JORGE ALBERTO BENAVIDES ORELLANA, FORÇA AÉREA DE EL SALVADOR



Fonte: fotos fornecidas pelo autor

Os Ministros da Defesa e da Força Aérea dos Estados Unidos identificaram o fortalecimento das alianças internacionais como a prioridade estratégica mais importante atualmente. Embora essa prioridade esteja clara, as formas e meios para alcançar o estado final desejado são variados e, às vezes, menos bem definidos. Para que a Força Aérea dos Estados Unidos avance quanto às prioridades estratégicas dos Ministros, muitas atividades de cooperação em segurança devem ser revistas e reforçadas. O foco deste artigo é a atividade de educação e treinamento militar internacional; A nossa tese é que os programas internacionais de Educação Militar Profissional (PME) ofereçam benefícios únicos para melhorar a confiança, fomentar a cooperação e fortalecer alianças militares internacionais. Este artigo baseia-se nas experiências e observações dos autores na arena dos programas internacionais de PME das forças aéreas dos Estados Unidos, Brasil e de El Salvador, com foco no período em que foram instrutores na Academia Interamericana das Forças Aéreas (IAAFA, sigla em inglês).

Os Ministros da Defesa e da Força Aérea dos Estados Unidos identificaram o fortalecimento das alianças dos EUA como prioridade máxima e estratégica. Conforme especificado em seu memorando de orientação para todos os funcionários do Departamento de Defesa em outubro de 2017, o Ministro James Mattis deixou claro que “fortalecer alianças e atrair novos parceiros”¹ seria uma de suas três linhas de esforço. O Ministro da Defesa afirma ainda que “a história é implacável nesse ponto: nações com fortes aliados prosperam, enquanto aquelas sem estagnam e enfraquecem”². Dentre as cinco prioridades da Força Aérea dos Estados Unidos descritas em 2017, o foco no “fortalecimento de alianças” aparece novamente³. Embora o estado final desejado de criar e manter fortes alianças seja claro, as formas e meios pelos quais esse estado final é atingido são variados e, às vezes, menos claros. O roteiro para uma aliança estratégica forte entre as nações envolve todos os instrumentos do poder nacional: Diplomacia, intercâmbio de informações, cooperação militar e laços econômicos. O fortalecimento de alianças não é de responsabilidade exclusiva do Departamento de Defesa, embora existam dentro dele muitas “formas e meios” de criar e fortalecer alianças: exercícios militares internacionais, vendas militares estrangeiras (PME pelas suas siglas em inglês), intercâmbio de pessoal, treinamento e educação militar internacional, além da representação diplomática militar através de um Adido de Defesa. Para que a Força Aérea dos Estados Unidos avance às prioridades estratégicas dos Ministros e de seus respectivos líderes e para que as nações aliadas como o Brasil e El Salvador sejam capazes de executar tais prioridades, todas as atividades acima mencionadas deveriam ser revistas e fortalecidas. O foco deste artigo está na atividade de educação e treinamento militar internacional; A nossa tese é que os programas internacionais de educação militar profissional (PME) oferecem benefícios únicos para desenvolver a confiança, fomentar a cooperação e fortalecer as alianças militares internacionais. Por estas razões, os programas internacionais de PME devem ser promovidos e expandidos.



O restante deste ensaio baseia-se nas experiências e observações dos autores na arena dos programas internacionais de PME das forças aéreas dos Estados Unidos, Brasil e de El Salvador,

com foco no período em que foram instrutores na IAAFA na Base Conjunta San Antonio-Lackland. Algumas dessas experiências serão usadas no contexto das prioridades estratégicas americanas que conduzem aos benefícios exclusivos que os intercâmbios de PME proporcionam ao avanço das prioridades estratégicas de uma Nação.

Atrair novos parceiros

Os programas de PME internacionais oferecem uma oportunidade única de engajamento, especialmente para os aliados emergentes ou menos tradicionais dos EUA. Enquanto que aliados americanos de longa data participam em diversos tipos de programas de educação e treinamento oferecidos pelo Departamento de Defesa, várias nações permanecem hesitantes em participar de treinamento técnico e de combate conduzido por militares dos EUA. Seja pela percepção negativa de suas próprias sociedades ou pelo risco de inquietar um país vizinho não-alinhado, muitos países avaliam se os benefícios do treinamento são suficientes para enfrentar possíveis repercussões negativas. Para estas nações “em cima do muro” que desejem uma aproximação cautelosa com programas militares dos EUA, os programas de PME oferecem uma versão “menos militante” de educação militar e treinamento.



Os autores relembram o engajamento emergente entre os Estados Unidos e Nicarágua para exemplificar essa questão. A IAAFA oferece mais de trinta cursos de formação técnica abrangendo a manutenção de aeronaves, logística, cibernética, inteligência, defesa de base aérea, e equipe especial de reação (conhecida antigamente como SWAT). Além disso, a IAAFA ministra dois cursos de PME: para oficiais no posto de capitães e para graduados (conhecidos como NCO—*Non-Commissioned Officer nos EUA*). Após um longo período sem alunos da Nicarágua na IAAFA, o país iniciou uma reaproximação em 2017 (com 11 alunos) e 2018 (27 alunos) trazendo alunos para participar de treinamento nos EUA. A maior parte do contingente inicial de estudantes da Nicarágua participou dos dois cursos de PME da IAAFA. Como instrutores, percebemos, a partir das informações fornecidas pelos alunos, o crescente interesse em enviar mais militares da Nicarágua para treinamento nesta Academia. Os militares da Nicarágua participam de

uma ampla gama de atividades que se estendem muito além do escopo de responsabilidade atribuído às forças armadas dos EUA; suas táticas, técnica e procedimentos (TTP, por suas siglas em inglês) e suas relações cívico-militares (CMR, por suas siglas em inglês) contrastam significativamente com a TTP e a CMR dos EUA e de outras forças armadas aliadas. Além disso, muitos líderes nas forças armadas da Nicarágua permanecem céticos quanto à aproximação entre os Estados Unidos e a Nicarágua. Por estas razões, os cursos de PME (especialmente cursos de PME de curta duração, como os de 8 semanas da IAAFA) são o primeiro passo atrativo para um maior engajamento militar em educação e treinamento. Cursos de PME desenvolvem habilidades como o pensamento crítico, trabalho em equipe, e comunicação, que são mais amplamente aplicáveis ao desenvolvimento de graduados e oficiais, mesmo quando um país não pode (ou deseja) alinhar-se plenamente com o treinamento dos EUA em cursos mais técnicos. Ao embarcar no longo processo de desenvolvimento de laços mais fortes entre duas nações ainda mutuamente céticas, intercâmbios de PME podem fornecer uma iniciativa importante para um engajamento futuro mais robusto.

Fomentar a cooperação

Programas de PME internacionais, devido à sua duração e incorporação de atividades que exigem trabalho em equipe, fomentam um ambiente de paciência e compreensão. O foco em quebrar as barreiras e construir equipes é inerente ao currículo de qualquer programa de PME. Isso pode ocorrer durante a realização de exercícios fisicamente exigentes para equipes como a pista de liderança ou a colaboração entre os membros da equipe para produzir uma apresentação de análise crítica sobre um problema de segurança. Através de uma experiência de PME, os alunos ampliam suas perspectivas e são desafiados a aprimorar as habilidades profissionais de pensamento crítico e comunicação efetiva. A sala de aula de PME, composta por militares internacionais - e sob a orientação e tutoria de instrutores treinados - pode produzir alto nível de escuta ativa, paciência e compreensão, que criam a base para elementos essenciais de uma aliança forte: respeito e confiança. Além disso, os estudantes internacionais selecionados para atender aos programas de PME nos EUA não são selecionados apenas devido às suas realizações como um militar de infantaria, analista de inteligência, piloto ou engenheiro, e sim (tipicamente) devido à sua reconhecida liderança e potencial para assumir cargos relevantes na sua carreira. Este é um fato bem documentado no registro de distintos ex-alunos em várias academias de treinamento dos EUA (como exemplo citamos: o Colégio Interamericano de Defesa, a Escola de Comando e Estado-Maior e a IAAFA). Em outras palavras, a base de respeito e confiança empregada como estudante em um programa internacional de PME estabelece as bases para a cooperação durante os próximos anos, melhorando o potencial para forjar alianças fortes.

Há inúmeros exemplos de ex-alunos usando os contatos feitos na sala de aula para efetivamente planejar e executar operações combinadas e futuros engajamentos internacionais. O primeiro de dois exemplos é a recente expansão das atividades da USAF com a Força Aérea Peruana, construída a partir do intercâmbio de alunos de PME. A Força Aérea Peruana envia regularmente graduados e oficiais aos cursos de PME da IAAFA (na verdade, a Academia foi fundada em 1943 a pedido do Comandante da Força Aérea Peruana); entretanto, apenas cerca de 3 a 4% dos estudantes da IAAFA nos últimos três anos eram peruanos. Devido ao *feedback* positivo dos alunos formandos dos cursos de PME e a influência de alguns ex-alunos junto aos seus líderes, a Força Aérea Peruana convidou, em 2017, uma equipe da Força Aérea dos EUA para realizar um intercâmbio de experiências (SMEE) focada nas metodologias de PME da USAF. O SMEE envolveu a participação de ex-alunos peruanos e incluiu visitas às academias militares peruanas. Pouco depois do SMEE, o Comandante da Força Aérea Peruana foi o convidado de honra da graduação de uma turma de alunos da IAAFA. O seu interesse pelos cursos oferecidos pela Academia culminou no pedido formal de treinamento para 100 militares peruanos nos

curso de PME da IAAFA durante o próximo ano—vastamente superando os 2-3 militares que anualmente atendiam os mesmos cursos nos anos anteriores. Em um curto espaço de tempo, o nível de engajamento com a força aérea peruana aumentou, pavimentando o caminho para uma maior cooperação com esse aliado regional. Esse crescente engajamento começou a partir de conexões feitas dentro da sala de aula. Os autores estão animados para vê-lo continuar a crescer e possibilitar outras profícuas atividades nos próximos anos.

Como segundo exemplo para ilustrar a função dos intercâmbios internacionais de PME de abrir caminho para cooperações duradouras, destacamos o papel que estes cursos desempenham no desenvolvimento de oficiais da USAF. Seja participando como capitão da USAF no curso de capacitação de oficiais (ISOS-sigla em inglês), curso ministrado em idioma espanhol na IAAFA, ou como um estudante de PME em outro país, esses intercâmbios são excelentes oportunidades de desenvolvimento profissional para futuros líderes especialistas em Relações internacionais. Os Ministros da Defesa e da Força Aérea exortam a necessidade de reforçar as alianças. Atualmente os militares da “linha de frente”—deste esforço estão nas embaixadas americanas, trabalhando como Oficiais de Cooperação de Segurança (SCO-sigla em inglês) ou Adidos de Defesa. Uma ferramenta vital para o desenvolvimento de futuros oficiais para trabalhar nessas tarefas é a participação em programas que aprimoram a consciência acerca das questões de segurança regional, constroem confiança e fomentam a cooperação entre as forças armadas. Não há melhor “curso preparatório” para os futuros oficiais de Relações Internacionais do que ser um estudante em um programa PME internacional.



Criação de diálogos regionais

Os programas de PME internacionais são estruturados para favorecer o diálogo franco e diminuir percepções errôneas sobre as forças armadas de países considerados rivais. Esses cursos têm uma política de não-atribuição, ou seja, nenhum aluno pode reproduzir qualquer conversa ou dado fornecido por outro aluno ou instrutor durante as discussões acadêmicas sem prévia autorização do autor. Além disso, a configuração da sala de aula em formato de “U” é um convite ao debate aberto e à participação de todos nos diversos temas discutidos. Durante os primeiros dias do programa, os estudantes “relacionam-se mutuamente” e avaliam com quem irão interagir mais naturalmente, e quem pode ser considerado “confiável” ou não. Naturalmente, o orgulho nacional é um elemento forte desta fase de “formação” e depois de “conflito” da formação de

equipes. Entretanto, depois de um período inicial de convivência, alcança-se o ponto em que para a maioria dos alunos a identidade nacional diminui e a prolongada interação pessoal desenvolve camaradagem e confiança. Nesta fase do curso, o ambiente acadêmico de “não-atribuição” é abraçado e o diálogo construtivo emerge. O diálogo aberto é fundamental para desfazer estereótipos e equívocos que são prevalentes entre muitas nações, especialmente entre aqueles com um passado conflituoso e violento. Tópicos que são considerados altamente sensíveis ou tabu —que na interação normal entre os rivais seriam considerados “fora dos limites”—são discutidos devido à confiança construída. Essa confiança, seja em nível pessoal ou seja pelo respeito à regra de não-atribuição acadêmica, permite que os alunos se concentrem mais no valor acadêmico de um argumento e menos na bandeira nacional do uniforme de um colega de classe. Há muitos exemplos de resultados positivos em que alunos começam a desconstruir alguns estereótipos e preconceitos e criam uma abertura para o diálogo regional continuado que, ainda que não forme uma aliança regional, certamente reduz a tensão entre vizinhos e rivais.

Para ilustrar a importância do diálogo fomentados nos cursos de PME, usaremos o exemplo do curso regional PME itinerante realizado na América Central. No curso havia estudantes das forças armadas da Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Guatemala, Honduras, Panamá e dos Estados Unidos. Em uma das tarefas do curso, os alunos deveriam escolher um tema relacionado à segurança regional para estudar, analisar e apresentar. Uma equipe apresentou “a guerra do futebol de 1969” entre El Salvador e Honduras, um conflito que ainda hoje é sensível em ambos os países, especialmente entre os militares dessa geração. Durante as apresentações, os quatro oficiais hondurenos e quatro oficiais salvadorenses discutiram sobre o conflito e as tensões começaram a subir. No ambiente acadêmico, no entanto, cada lado foi capaz de ouvir a perspectiva do outro e concordar com um ponto comum: o breve conflito de 1969 não era uma parte de sua própria experiência militar e havia pouco valor em continuar uma rivalidade antiga baseado num conflito passado. Chegou-se ao consenso de que deveriam “enterrá-lo” e construir sua própria trajetória para uma cooperação militar positiva. O ambiente criado na sala de aula de PME internacional serviu como um pequeno santuário para o que é incomum em outros lugares: um lugar para deixar de lado as estereotipadas percepções e começar a criar novas parcerias.

Conclusão

Os intercâmbios militares que enviam graduados e oficiais para estudar ao lado de aliados internacionais são inestimáveis para reforçar a confiança e a cooperação. Fortes alianças são construídas ao longo do tempo. Elas precisam de um ambiente favorável e um compromisso duradouro das nações envolvidas. Enquanto que esse engajamento muitas vezes está fora do controle das nossas forças armadas—pois é dependente da economia nacional e da política internacional, é possível manter o ambiente favorável para alianças entre as forças armadas desses mesmos países através do investimento continuado em confiança e cooperação. Este é o desafio lançado pelos nossos líderes: construir alianças fortes. Para cumprir essa missão, os programas de PME internacionais têm se apresentado como excelentes oportunidades para a construção de alianças estratégicas regionais duradouras. □

Notas

1. SECDEF Memo, 5 October 2017, <https://www.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/GUIDANCE-FROM-SECRETARY-JIM-MATTIS.pdf>.
2. Ibid.
3. USAF News Article, <http://www.af.mil/News/Article-Display/Article/1264852/air-force-senior-leaders-unveil-new-priorities/>.



Major John R. Berg, USAF. É o Director de Operações do 837º Esquadrão de Treinamento - Academia Interamericana das Forças Aéreas (IAAFA). Ele supervisiona as atividades de 5 Esquadrilhas que oferecem 39 cursos de educação e treinamento internacionais para alunos de 36 Nações amigas e para os Estados Unidos. O Maj Berg trabalhou em diversos cargos como Oficial Engenheiro Civil e como Especialista em Assuntos de Segurança do Hemisfério Ocidental. Já trabalhou por dois turnos no Afeganistão e um na Colômbia. O Major recebeu a sua licenciatura (B.S.) em Engenharia Civil pela Universidade de Marquette, e é mestre (M.A.) em Assuntos de Segurança pela Naval Postgraduate School. .



Major Allan Buch Sampaio, Forças Aéreas Brasileira. É o comandante da Esquadrilha de Educação Profissional Militar Internacional do 837º Esquadrão de Treinamento-Academia Interamericana das Forças Aéreas. Sua Esquadrilha proporciona aos militares da USAF e dos países aliados da América Latina a única Educação Profissional Militar bilíngue através de cursos de Capacitação para Oficiais e Graduados em residência ou móveis. O Major Buch graduou-se na Academia da Força Aérea com uma licenciatura em Ciências Aeronáuticas. O Major é Piloto de Transporte e trabalhou como Instrutor de voo, Chefe de Instrução de Pilotos, Oficial de Doutrina Aérea e graduou mais de 800 alunos como Instrutor de Educação Profissional Militar no Brasil e nos Estados Unidos..



Capitão Jorge Alberto Benavides Orellana, Forças Aéreas Salvadorenha. É um Instrutor Convidado do curso de Capacitação para Oficiais do 837º Esquadrão de Treinamento-Academia Interamericana das Forças Aéreas. O Capitão Benavides concluiu o treinamento militar básico para graduados em 2000. Foi declarado Oficial e Piloto Militar em 2004 pela Escola de Aviação Militar. Obteve a sua licenciatura em Administração Pública e Estudos Militares em 2005. O Capitão Benavides é Piloto de Transporte e já trabalhou como Oficial de Aquisições e Finanças, Oficial de Operações Aéreas e Instrutor de Pilotos Básicos em Asa Fixa. Dentre os seus trabalhos mais honrosos, ele foi o Chefe Interino do Departamento de Operações Aéreas da Força Aérea Salvadorenha.